



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico  
Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

## O QUE É SER MÃE? NOÇÕES SOBRE UMA FUNÇÃO DE DELIGÊNCIA.<sup>1</sup>

José Stona<sup>2</sup>, Iris Fatima Alves Campos<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Projeto de Iniciação Científica para trabalho de conclusão de curso

<sup>2</sup> Aluno do curso de psicologia da unijuí

<sup>3</sup> Professora Mestre Educação(UFRGS) do Departamento de humanidades e educação, Orientadora, irisunijui@gmail.com)

### Introdução

Com o passar dos anos a modificação da parentalidade tem causado questionamento em diversas áreas de conhecimento, procuro aqui situar através da contribuição da psicologia.

Esta reflexão tem por objetivo teorizar sobre um conceito fundamental à psicanálise: a função materna. Questões tais como: o que devemos esperar dessa função, o que ela representa para quem a ocupa e qual sua importância na constituição do sujeito psíquico serão trabalhados.

### Metodologia

Utilizou-se como método a pesquisa bibliográfica.

### Resultados e Discussão

As conceituações apresentadas no decorrer do texto são de uma condição (bio-psico-social) salutar entre função/bebê, pois sabemos que qualquer patologia envolvida perante um destes lugares pode modificar radicalmente o curso da constituição do sujeito.

Segundo Lacan (1995) ser mãe e ser pai está relacionado ao exercício e cuidado, uma posição assumida por uma pessoa que deseja a criança, ou seja, adultos que são continentes de determinadas condições, capazes de exercer cuidados físicos e emocionais à criança. Apresentando, assim, condição de ser mãe e ser pai enquanto funções.

A função materna embora surja condensada no termo mãe, sempre referido a mulher, é um lugar ocupado por qualquer pessoa que esteja vinculada a criança. "Ser como uma mãe", manter os cuidados maternos, é uma posição a ser exercida por um sujeito falante, desejante, pensante, função esta direcionada ao bebê.

Cada ser humano traz um potencial para amadurecer, para se integrar, mas esse potencial não se desenvolve sozinho isso dependerá de um ambiente/meio facilitador que forneça cuidados para o bebê poder entrar no campo do Outro, sendo que, no início, esse ambiente/meio é a função materna. Lacan (1998) situa que anteriormente ao nascimento à mãe cria uma representação em seu psiquismo o uma antecipação que começa muito antes da gestação, é um lugar aonde nesse discurso a função já coloca o bebê em uma posição de antecipação funcional. "A mãe atribui à autoria da produção ao bebê supondo um sujeito onde havia apenas reações involuntárias." (JERUSALINSKY; J, 2002, p. 59). Essa representação opera como um berço simbólico, um





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Seminário de Iniciação Científica

envoltório, no qual o bebê será inserido, um lugar inconsciente sustentado por significantes dos pais que vão antecipar sua vida e com isso possibilitar um lugar na família. Por meio deste se insere as marcas simbólicas que vão criar a história subjetiva da criança. “O modo em que um bebê é tomado no circuito de desejo e demanda dos pais é decisivo para sua constituição como sujeito.” (JERUSALINSKY; J, 2002, pg. 100).

Durante a gestação a mãe entra num estado psicológico especial ao qual Winnicott (1999) chamou de “preocupação materna primária” uma sensibilização, que faz com que ela insira em seu ambiente e desejo um lugar a essa criança que está por vir, e isso faz com que ela seja capaz de identificar-se com as necessidades do bebê, desligando-se do excesso de envolvimento externo e preocupando-se com o objetivo de cuidar o filho.

Os primeiros anos de vida de um bebê são fundamentais no seu desenvolvimento intelectual, emocional e moral, ele nasce numa condição de total dependência, numa extrema fragilidade psicobiológica. Loparic reitera que a condição inicial do ser humano é "de um ser humano frágil, insuperavelmente finito, que precisa de um outro ser humano para continuar existindo" (Loparic 1997, p.46) ele precisa de um Outro que esteja identificado com ele, sendo capaz de atender suas necessidades, uma contenção, um enlace que o sustente e o retire dessa angústia advinda do externo. Nesse estado, o bebê expressa a necessidade de encontrar um objeto de amparo por meio de uma busca frenética de uma luz, voz, cheiro ou algum objeto sensual que prenda sua atenção e que ele vivencie como algo que una as diversas partes de seu corpo. (CAMAROTTI, Maria do Carmo. A clínica do bebê. 2000 p. 53).

“A função ampara esse bebê de ego fraco com seu ego materno e com isso o sustenta como um ego auxiliar” (Winnicott, 2000, p.41). A criança deve encontrar na função um lugar que lhe ofereça um suporte adequado para que as condições inatas alcancem um desenvolvimento, deve através de seus cuidados inscrever significantes no corpo da criança, dando bordas e tirando o corpo pura carne para dar lugar a um corpo pulsional. Para isso acontecer é necessário que a mãe forneça o que Winnicott (1999) chama de holding, ou seja, segurar fisicamente e emocionalmente seu bebê proporcionando um apoio a sua sobrevivência. Através do holding a função traça o mapa libidinal que recobre o corpo da criança, com isso erotizando e organizando aquele corpo, a criança tem necessidade de calor humano, de uma presença que esteja ali e com isso esse Outro inscreve as primeiras marcas significantes no corpo do bebê, as quais serão os alicerces do seu aparelho psíquico sendo "A base para a saúde mental de um indivíduo está totalmente relacionada pelo cuidado materno" Winnicott (1990 p.49).

O sujeito que ocupa a função materna sustenta o lugar de Outro primordial; Impelido pelo desejo, esse antecipará na criança uma existência que ainda não está lá. Essa dualidade mãe-bebê deve perpassar por outro campo também: a mãe além de dar conta das angústias do bebê deve preservar os seus desejos; uma mãe suficientemente boa é aquela que justamente consegue dar conta de toda essa pungência e consiga se sustentar e sustentar esse bebê. A função deve inserir uma condição de se fazer materno, ou seja, uma mediação de como se processa o investimento do mundo interno e do mundo externo, É aquela que implica proteção, cuidados e tudo o que se refere à deligência para a sobrevivência da cria humana chamando-a criança para as vias de constituição,





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Seminário de Iniciação Científica

O que chega ao bebê através do Outro materno não é um conjunto de significados a serem por ele meramente incorporados como estímulos ou fatores sociais [...] O que chega a ele é um conjunto de marcas materiais e simbólicas - significantes - introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, como um chamado para ser sujeito. (ELIA, L, Conceito de sujeito. 2005, p.35).

A função deve apresentar o mundo na medida certa para que o bebê possa se sustentar sem a mesma pois é nessa ausência e presença da função que ele vai constituindo sua apropriação corporal. A função deve maternar o bebê fazendo uma continuação do ser de uma forma característica, subjetiva e especial sendo assim ela apresenta a criança seu primeiro mundo privado.

### Conclusões

Desta reflexão entendemos que não existe manual para ser mãe. Quem se quiser fazer mãe encerra condições de escora para suportar qualquer angústia que o momento de maternagem exige. Contudo as angústias são inevitáveis e, justamente o confronto com “o não saber”, conforme entendemos, é que gera recursos para algo se mover no psiquismo da mãe para que essa assistência entre em efetividade. A re-leitura dos autores Lacan e Winnicott nos leva a dizer que ambos sugerem um “Instinto para o materno” algo para além de qualquer compreensão, que é subjetivo a cada sujeito e só pode ser vivida por quem experiência a função materna.

Devemos estar atentos que essa é apenas uma das funções que operam na constituição psíquica do sujeito e que uma nova função deve advir para o sujeito se constituir a função paterna. Este tema extrapola a presente discussão e será feito no decorrer do trabalho de tcc.

Palavras-chave

Função Materna Psicanálise Psicologia Winnicott Lacan.

### Referências bibliográficas

ELIA, Luciano. Conceito de sujeito. Coleção Passo-a-Passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JERUSALINSKY, Julieta. Enquanto o futuro não vem, A psicanálise na clinica interdisciplinar com bebês. Salvador, BA: Ágalma, 2002.

LACAN, J. Sobre o complexo de Édipo. In: \_\_\_\_\_. O seminário. Livro 4: a relação de objeto. 4. ed. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1995. cap. 12, p. 203-219.

LACAN, J. O Estágio do Espelho como formador da Função do Eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott: ma psicanálise não-edipiana. Percurso, ano 9, n.17. v.4, n.2, pp.375-87, 1997.

WINNICOTT, D.W. O ambiente e os processos de maturação: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.